

Vale-Jupits

Este livro vale 3 jupits

Para ativar as jupits do seu livro scanize com o seu telefone o código em baixo ou siga as instruções manuais. Faça o scanner do código através de uma das aplicações da Jupiter Editions. Não é necessário instalar obrigatoriamente nenhuma aplicação, podendo converter as jupits em alternativa no site da Jupiter Editions através da Conta Jupiter ou enviar um email, seguindo as instruções.



O seu livro é um passaporte.

O seu passaporte vale em toda a sociedade Jupiter e perante os parceiros da sociedade Jupiter

Política de Privacidade

Quando comprou o livro, o leitor teve de consentir que a Jupiter Editions armazenasse os dados pessoais como o email e telefone para efeitos de comunicação e gestão da Conta Jupiter e emissão do Cartão Jupiter com os dados do leitor. A Jupiter Editions protege os seus dados. A qualquer momento poderá enviar um email para manager@jupitereditions.com com o código-assunto “DATA” exercendo o seu Direito ao Esquecimento, solicitando o apagamento dos seus dados no nosso sistema informático ou solicitando a portabilidade dos seus dados conforme a nossa Política de Privacidade que pode ser consultada online em www.jupitereditions.com

PROMOTORES

Compre um livro. Se gostar e quiser promovê-lo, nós devolvemos o seu dinheiro.

Seja um agente da Jupiter Editions. Celebre conosco um contrato de promoção ou agência. Entre em [contato](#)

Se impulsionar 3 vendas a Jupiter Editions devolve imediatamente o seu dinheiro mesmo que não tenha celebrado um contrato de promoção ou de agência. Para tal, deverá pedir aos seus amigos/ familiares/ colegas/ conhecidos/ clientes que escrevam o seu nome no momento da compra e entrar em contacto através do email jupitereditions@jupitereditions.com com o assunto “PROMO3” para devolvermos o seu dinheiro.

Para celebrar connosco um contrato promocional ou de agência entre em contacto através do email manager@jupitereditions.com

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

TRADUTORES

Se gostaria de traduzir um dos nossos livros em uma das nossas 12 línguas, entre em contacto

Um tradutor da Jupiter Editions fica com direitos de autor sendo pago mensalmente com as vendas do mês. Um tradutor da Jupiter Editions pode ficar com uma percentagem de até 12% do lucro líquido da venda de cada livro.

A Jupiter Editions dá sempre preferência, para além dos tradutores certificados, aos estudantes universitários ou artistas ou desportistas profissionais que tenham nascido num país com a língua mãe de umas das 12 línguas ou sejam nativos estrangeiros da língua-alvo em que se propõem traduzir, desde que comprovem que dominam a língua e que são capazes de fazer a tradução e a revisão.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



CASTING

Mostre o seu talento no casting de seleção de atores para a transformação do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf em filme. Brevemente.

CINEMA E REALIZAÇÃO

Para participar no casting de curtas e longas metragens das cenas do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf bastará apresentar à entrada o livro 2080 de Antoine Canary-Wharf ou ter um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD.

A entrada no casting sem a posse do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf ou do livro-bilhete SIX OFF THE RECORD poderá ser admitida com o pagamento de uma contrapartida até 50€.

A Jupiter Editions dá sempre preferência a novos atores. Para este casting procuram-se algumas personagens que tenham skills de surf e bodyboard e falem alemão/ holandês/ espanhol/ inglês.

Quem vem em cadeira de rodas passa sempre à frente, porque a personagem principal pode, de repente, ir parar a uma cadeira de rodas!

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



TEATRO E REPRESENTAÇÃO

Para participar no **Casting – O Deus Tecnológico de Simão Roncon-Oom** bastará apresentar à entrada o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom ou um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD. A entrada sem a posse de um dos livros poderá ser admitida com um custo de até 30€.



Para participar no **Casting – O Algoritmo do Amor** bastará apresentar à entrada o livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala ou um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD. A entrada sem a posse de um dos livros poderá ser admitida com um custo de até 50€.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão, que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

**Este demo está protegido e reserva
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no
dia 25 de outubro de 2019 e foi
registada no dia 14 de fevereiro de
2020.**

**Se neste momento, por algum
motivo, não puder comprar o livro
do autor, a Jupiter Editions sugere
que faça um donativo ao autor para
o IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para manager@jupitereditions.com com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceiteado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

©Jupiter Editions

Os Autores do Sistema

Sebastião Lupi-Levy

Registo nº 353/2020 **SIIGAC/2020/847** DATA: **2020.02.14**

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions®

Siga o autor [@sebastiaolupilevy](#)

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

CITO

«(...) Só pondo a “boa” Administração pública a administrar não os pulmões da Terra, mas a administrar toda aquela fumaça de mercado adjudicatário que quer contratar com os alvéolos e brônquios da arquitetura pulmonar adjudicante, é que talvez se consiga compelir empaticamente a garantia daquela arquitetura, a bons séculos vindoiros. (...) A entidade adjudicante é normalmente a Administração Pública, que nasceu neste mundo do Direito presa aos mantos da Terra, e a entidade adjudicatária é a destinatária do contrato, ou seja, a empresa que vai contratar com a Administração Pública. Mas para contratar há regras. Regras para concorrer aos concursos públicos que a Administração Pública vai lançando no sistema. A ideia é simples: ganha a empresa que for a melhor amiga do ambiente ou a mais barata ou a mais tecnológica ou a mais isto ou a mais aquilo, dependendo da política que se viva no país. Mas independentemente da política que hoje se viva no país, nós estamos acorrentados à Europa, e a Europa já disse que quer todas as administrações públicas a contratar com as empresas mais esverdeadas, mais sustentáveis.» in *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

«O Direito A Não (Ter De) Estar Ligado À Internet Para Participar Na Vida Económica Normal – (...) que se traduza num direito de eu poder sair à rua e interagir normalmente com a economia das coisas sem ter que usar um telefone ou uma Internet ou uma aplicação ou o que seja que me medeia entre mim e o mundo real – tem de se sobrepor sempre a qualquer espécie de Internet das Coisas, seja ela qual for. A Internet das Coisas nem se quer pode tornar-se um direito. A Internet das Coisas é um estilo de vida! Antes de quererem legalizar a Internet das Coisas e penalizar drasticamente quem não está na Internet das Coisas deviam era primeiro pegar na impressora a 3D e imprimir coisas por

todo o lado, imprimir casas, estufas de base vegetariana, roupas, imprimir tudo com micromateriais sustentáveis. A Internet de Coisas devia servir para se imprimirem casas, de pelo menos, 180 metros quadrados às pessoas em situação de sem abrigo, aos recém-licenciados e aos recém-casados em menos de 24 horas, porque o tempo para se imprimir uma casa com a impressora a 3D é de menos de 24 horas.

Esta é que devia ser a Internet de Coisas na Terra.» in *Jupiter* de Gabriel Garibaldi.

«Às vezes, acreditarmos em fantasias ou querermos influenciar toda uma sociedade, todo um parlamento, pode salvar vidas! Às vezes, ficcionar o Direito com as nossas fantasias, levar também as nossas ficções para o Direito (...) isso, pode dignificar vidas! Deve ser esse o instrumento da ficção. E, se assim for, podemos fantasiar o que quisermos. Podemos acreditar no que quisermos. O importante é acreditarmos em coisas boas. Em coisas que nos podem fazer felizes a nós, mas também aos outros. Em coisas sempre ligadas a um sentimento humano altruísta e solidário para todas as inteligências que consigam coabitar em paz com a espécie humana. (...) Porque a espécie humana nasceu com o dom da criatividade e com o dom da fantasia. (...) Fantasiar é um dom! E os dons, podem ser usados como instrumentos. Às vezes, fantasiar pode dignificar vidas. Pode salvar vidas.» in *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom.

«O Direito está ao contrário. Está todo trocado. Então querem pôr os cães nos cafés, mas tirá-los das praias? O Direito devia deixar os cães andar nas praias e não nos cafés. Já viram como os cães ficam felizes na praia?» in *A Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto.

A Portugal!

Que Portugal,
nesta Internet das Coisas,
se conecte aos melhores sistemas.

Entre com a sua Internet dentro dos melhores sistemas!

Que copie,
que faça um download,
dos códigos estrangeiros.

Que busque pela *alienígenidade*.

Hackeie, implemente,
imite, faça moda, torne moda,
transporte, transfira, transplante,
que copie, que torne uma verdadeira moda,

A “sofisticação mental”,
que se vive sobretudo lá fora.

Lá fora, na Suécia, na Noruega, na Finlândia, na Dinamarca, nos Países Baixos, na Alemanha, em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi.....

A 1^a
GRANDE
REUNIÃO
D'OS Autores
do Sistema



– Achas que o senhorio os roubou ao celebrar com eles um contrato de arrendamento desses?

— Claro que não! Os médicos inquilinos celebraram os contratos com os senhorios de livre e espontânea vontade e o direito de propriedade e da liberdade económica sobre a propriedade do senhorio são direitos garantidos pela nossa Constituição. É um “roubo”, mas da própria economia. Não é um roubo do senhorio. É verdade que a casa toda nem sequer vale 600 euros, porque não vale! Casas daquelas valiam há 4 anos, 500 euros.

— E de repente, a mesma casa, vale agora, só em 4 anos, 3 mil e 500 euros.

— Que exagero!...

— Claro... Nós é que somos os exagerados... Nós é que estamos a exagerar...

— Que exagero!!...

— O preço da casa não dobrou nem triplicou...

— Nem sequer quadruplicou.

— Simplesmente exagerou-se no mercado.

— Que exagero!!!...

— Por isso, a culpa é do próprio mercado imobiliário.

— Sim, o senhorio não tem culpa nenhuma.

— Não tem culpa de ter uma casa que ontem valia 500 euros, mas que hoje “vale” 3 mil e 500 euros e com “este vale” entre aspas, porque há inquilinos que dizem que valem. Eu não digo que vale. Porque a virtualidade da economia não influencia a minha mente.

— E porque o meu cérebro tem memória das coisas.

— E porque o meu cérebro sabe ver as coisas. Sabe ver que uma casa que vale 500 euros não vale de renda 3 mil e 500 euros. Uma casa que vale 250 mil euros não vale nem 800 mil, nem 900 mil euros, nem 1, nem 2, nem 3, nem 4, nem 5 milhões.

— Mas há cérebros inteligentes que dizem que vale 2 milhões e mentes hipnotizadas que vão dizer que a casa dos cérebros inteligentes vale sim senhor, 2 milhões.

— E é assim, que a moeda se vai desvirtuando completamente no tempo económico...

— E se há inquilinos a celebrarem esses contratos, se há consumidores a consumirem esse mercado, é claro que os inquilinos não vão perder a chance de participar dessa inflação, dessa bolha, antes que ela rebente.

— Portanto, a culpa é da própria inflação que sobe sempre, que vai subindo sempre e que nunca desce, porque as “novas injeções de capital” só vão aumentar o valor das coisas.

— Que exagero!...

— As coisas tornaram-se sempre mais caras.

— Que exagero!...

— É verdade, nunca se tornaram “verdadeiramente” mais baratas.

— Sim, porque não vale subir não sei quantos mil euros, para depois descer uns poucos, quando o que subiu já contou com uma “descida”, mas que nunca desceu “verdadeiramente”.

— Só quando há uma bolha, é que os preços das coisas descem a pique, mas para depois voltarem paulatinamente, e logo apressadamente, a subir para a próxima bolha. É esta a ficção económica em que vivemos.

— Numa bolha económica tão elástica e tão convenientemente elástica que não rebenta, não se rasga nem se rompe...

— E claro que os senhorios aproveitam antes que a bolha rebente...

— A culpa não é dos senhorios!

— Mas a bolha não é elástica? Afinal ela rompe-se ou não se rompe?

— Foi uma forma de dizer... Não foi?

— Sim, foi uma forma de dizer...

— Foi uma forma de desculpar os senhorios... Porque é claro que eles estão todos metidos nisto...

— Os senhorios não têm culpa nenhuma!

— Já cá faltava uma das tuas intrigas...

— Claro... Não podíamos começar isto sem uma boa intriga...

— Estou para ver as próximas que vais montar...

— Que eu vou montar, não... Que vamos todos aqui montar... Não sou o único metido nisto... Estamos todos metidos nisto!

— As tuas gargalhadas assustam-me!

— Assustam-te porquê?

— Porque as tuas intrigas assustam-me! Foste tu que nos meteste nisto...

— Desculpa-me! Esqueci-me que tens muitos amigos senhorios que ficaram agora milionários à pala das rendas milionárias...

— Os senhorios não têm culpa nenhuma!

— Enquanto os inquilinos não perceberem nada de economia e não perceberem como funciona a alavanca dos mercados, não se podem culpar os senhorios. Quer dizer, eu inquilino, celebro um contrato com o meu senhorio...

— Como se alguma vez tivesses tido um senhorio na vida... Sabes lá o que é ser inquilino...

— É só a mim que as gargalhadas dele me assustam?

— Pareces que és a única aqui assustada... Não te preocupes que os teus amigos não compraram o bilhete para o teatro. O palco é nosso! Não é dos teus amigos! O que dizias?...

— Dizia que, eu inquilino, celebro um contrato com o meu senhorio, mas depois vou para a varanda arrendada gritar que o meu senhorio é um ladrão e que mal tenho dinheiro para montar uma esplanada na varanda...? Então, mas se fui eu que aceitei esse jogo económico, se fui eu que quis essa economia, para eu largar-me dela, tenho de sair dela, tenho de romper com o contrato; não é celebrá-lo, mas depois criticá-lo.

— Realmente é muito fácil falar. Realmente é muito fácil não fazer ideia do que é ter de ser inquilino e falar pelos inquilinos, ainda por cima a ofendê-los dessa maneira...

— A ofendê-los??????????

— Pronto... Aí vem mais uma intriga...

— Eu não vi ofensa nenhuma...

— Nem eu...

— Nem eu... Uma casa não é um carro. Uma casa não é um robot. Uma casa não é um assistente virtual. Uma casa não são uns óculos de realidade virtual aumentada em que eu posso escolher não os comprar, porque os acho caros ou porque os acho completamente estúpidos e porque acho que me vão roubar o tato e a sensibilidade de ver e sentir a realidade como sempre a

sentí... Quando tu tens um trabalho, quando tu tens aulas para frequentar numa certa cidade chamada Lisboa (...) e tens de pagar uma renda para trabalhar ou estudar, tu não tens muita hipótese de escolha. Se as rendas estão todas caras, tu não podes viver na rua, tens de pagar a renda seja ela alta ou baixa. Não é, portanto, uma “verdadeira” escolha. Ninguém quer pagar rendas caras...

— Ou seja, não é o facto de um inquilino ter celebrado um contrato de renda com uma renda estupidamente cara que faz mandar calar o inquilino ao ponto de ele não poder chamar nomes na varanda ao senhorio dele...

— E os vizinhos???

— O Código Penal deixa o inquilino chamar chulo ao senhorio???

— Não deixa... Mas devia...

— Nós não vamos alterar o Código Penal nesse sentido, pois não?????

— Não! Não somos nenhuns miúdos. Não estamos aqui a brincar. Estamos a falar a sério. Até estamos a falar da inflação e tudo...

— Mas os miúdos já sabem falar todos muito bem da inflação...

— A sério?

— A sério...

— É um bocado como a conversa do Pai Natal... Algum dia tinha de chegar a verdade... E quanto mais cedo, melhor... É um bocado ridículo ver miúdos de 6 anos a falarem do Pai Natal...

— Ridículo???

— Os meus primos de 4 anos ridicularizam os miúdos de 6 anos... Mas se calhar, são só os meus primos...

— Ridículos são os teus primos por não acreditarem no Pai Natal com 4 anos...

— Os meus primos é que são ridículos?

— Claro... Os teus primos que têm paizinhos senhorios que colaboram com a inflação...

— Mais uma intriga... E estamos a quanto tempo do teatro? Nós não vamos montar um teatro político para o Parlamento, pois não? É que já basta a cambada...

— De atores!!! De atores!... Porque são tudo atores!... Somos todos atores! Estamos todos aqui a representar...

— Uns representam melhores que os outros...

— Mas achas que está aqui a alguém a representar mal?

— Eu cá estou a representar os portugueses... E acho que estou a representar muito bem...

— Oh! Que bonito teatro!... Vejam só! Vejam só: está aqui a representar os portugueses...! Estás a representar os

senhorios portugueses ou os inquilinos portugueses? Só para percebermos o teu lado político do teatro...

— Na minha opinião, os próprios inquilinos é que dão azo a esta inflação...

— A culpa é dos inquilinos!

— Esta é boa...

— A culpa não é...

— Deixa-me adivinhar... A culpa não é dos senhorios!?? Porque, assim, isso faz com que eu queira participar também da inflação...

— Bom, nós estamos todos aqui num teatro, não é?

— Sim. Podes chamar-lhe um teatro político... Ou um teatro económico... Sei lá! Chama-lhe o teatro que quiseres...

— E é por causa destes teatrinhos de merda...

— Ai!!!! O que é que ele disse?

— Acho que disse “merda”...

— Pronto, já sabemos que isto é um teatro para criancinhas de ouvidos tapados...

— Será que a inflação é por causa das criancinhas?

— Ou será que é por terem tapado os ouvidos às criancinhas sempre que falamos de inflação? Já sabemos que ninguém tapou os ouvidos aos teus primos...

— As crianças são muito inteligentes... Devíamos falar-lhes logo da inflação...

— E íamos dizer-lhes o quê, sobre a inflação?...

— Sim, as crianças são muito inteligentes... E iam logo perguntar de quem é que era a culpa...

— Os meus primos perguntaram logo com 4 anos...

— Uau!!! E o que é que os adultos lhes responderam?

— Que a inflação não é culpa de ninguém senão da própria economia.

— Ah! Deixa-me adivinhar... Disseram que era culpa dos próprios mercados...?

— Sim, que era também culpa dos governos que não acompanham os mercados.

— Que não acompanham as injeções que a economia faz na economia!!!

— Ora aí está! A culpa é dos governos! Porque não dizemos logo isto às criancinhas? Porque, afinal, a culpa é dos governos! Porque vamos dizer às criancinhas que não é culpa de ninguém, quando é dos governos????

— Na economia virtual em que vivemos e no crédito virtual em que devemos, quando os preços sobem, os ordenados têm de subir. A economia é só uma ficção. É uma virtualidade do sistema. É como se fosse um programa infinito que nunca mais acaba, mas que já não se consegue desprogramar.

— Mas também temos de explicar logo isso às criancinhas? Isso não será já demasiada informação?... Depois aborrecem-se... Vão começar logo a bocejar...

— Quando começarem a bocejar, bocejamos também.

— E quando nos virem a bocejar e perguntarem-nos porque é que já não conseguimos desprogramar?

— Sei lá... Dizemos só que já não se consegue tirar o programa do sistema.

— Sim... Todos vão acreditar. Até as criancinhas...

— Dizemos só que é como um vírus muito inteligente...

— Pior que o vírus tecnológico de 2020? Vão perguntar...

— E respondemos: Oh! Muito pior!!!!...

— “Oh! Muito pior!!!!...”

— Que belo coro... Mas se não se consegue tirar o programa do sistema e se o programa é virtual, então basta virtualizar o programa. Se o vírus económico está de tal forma pegada ao corpo do sistema numa perfeita simbiose impossível de se libertar sem se danificar, então temos de manipular a economia. Senão é ela que nos manipula!

— Alguém escreveu isto?

— Espero que a Mão Invisível tenha escrito...

— Mas vocês acreditam mesmo na Mão Invisível?

— Sim. Foi ela que inventou o programa e nos colocou no programa. Nós estamos a viver o programa de uma Mão Invisível...

— A nossa vida é um jogo económico. Algum de nós é programador?

— Eu sou programador...

— Ainda bem que temos connosco um programador. Temos de reprogramar o programa. Se no programa a inflação sobe vertiginosamente, nós temos de acompanhar o programa e para acompanhar e não se dar um...

— *Game Over!!!!* Temos de vertiginosamente aumentar também os ordenados. Estamos num jogo económico, não é? Só por isso é que disse “game over”... Para entrarmos mesmo dentro do jogo...

— Nós temos é que entrar dentro do programa. Não queremos ser jogadores de um jogo programado pelos programadores. Queremos ser é os programadores...

— Que ambição!!!

— Porque é só enganar o programa!

— É só sermos nós a enganar o programa e não sermos enganados pelo programa. Porque o programa é informático. Os dígitos, os números, inserem-se no computador. É tudo digital. Logo é tudo virtual. Criar uma nova moeda, às vezes, pode proteger ou recuperar um sistema. Uma moeda virtual numa economia que já é virtual, não me parece nada surreal.

— Surreal!!!

— Ou desvalorizo a moeda ou desvalorizo o mercado. Ou desvalorizo a economia ou desvalorizo o mercado imobiliário. Ou desvalorizo a moeda ou desvalorizo a casa. Ou digo que, afinal, aquela casa não vale assim tanto...

— Ou digo que, afinal, aquela moeda não vale assim tanto.

— Porque se uma moeda já está muito inflacionada, se se deixou inflacionar, se se inflacionou exageradamente, eu devo trazê-la à realidade, virtualizando a realidade dela, inventando-lhe uma desinflação.

— Exatamente!

— Exatamente, nada! Não existe nenhuma desinflação, porque não dá para se desinflacionar aquilo que se inflacionou!

— Por não existir, é que nós vamos inventar! Se já existisse, não podíamos inventar...

— Mas como não existe, podemos inventar.

— Surreal!...

— E vamos inventar uma desinflação!

— Surreal!...

— Porque eu posso inventar uma desinflação, como inventei uma inflação e como inventei uma moeda!

— Ai!!!! Que horror! Se a Mão Invisível nos ouve a dizer isto... Ai!!! Se a Mão Invisível nos ouve a dizer que podemos inventar uma desinflação...

[Tlim]

— Alguém ouviu o “tlim”?

— Não ouvi “tlim” nenhum... Mas talvez tenha sido o “tlim” do interruptor que ligou a luz nos nossos cérebros esfomeados por predar os mercados...

— Ai!!!! Que horror!!!! Que horror!!!! Eu vou sair mas é deste teatro... Se a Mão Invisível nos ouve a dizer isto... Ainda nos dá uma bofetada...

— Anda cá!

— Estás com medo de levar “uma boa bofetada smithiana”?

— Anda cá! Senta-te! Não podes sair assim a meio do teatro.

— Porquê?

— Porque houve quem tivesse pagado bilhete para assistir a este teatro... É melhor sentarmo-nos... Estamos só num teatro. Estamos só a experimentar o mercado... Estamos só a ver se isto pega...

— Porque pode pegar...

— Ainda vamos é levar todos uma bofetada da Mão Invisível... Au!!! Isso doeu!

— Estava só a simular uma bofetada da Mão Invisível na tua cara... Só queria que sentisses a força que a economia tem...

— Magoaste-me...

— Não fui eu que te magoei... Foi o mercado... A economia magoa, não magoa? A economia magoa muitos... Muitos estão zangados com a economia...

— Ai!!! Que horror!!!! Mas aqui ninguém está mal com a economia, pois não?

— Que horror!!!! Claro que não... Aqui ninguém está mal com a economia... Estamos aqui para fazer paz com a economia e com todos os mercados que a economia tolera... Nós somos liberais... Somos liberais económicos... Somos tolerantes... Somos tolerantes económicos...! Nós toleramos a economia!

— Sim, estou bem de finanças... Por mim, tolero convosco a economia...

— Sim, nós toleramos... Os inquilinos é que não... Não acham que a economia está a ser um bocadinho mazinha para os médicos inquilinos portugueses?...

— Ah! Eu acho... Coitadinhos...! Só lhes dá 1200 euros... Com rendas de casa a 500, 600, 800, 1000 euros...

— 1200 euros se forem médicos...

— Ai!!! Que horror!... Falam da economia como se ela fosse sei lá o quê...

— Realmente, estamos mesmo a falar da economia como se ela fosse sei lá o quê... Afinal, o que é a economia?

— Mas mais ninguém ouviu o “tlim”? Eu juro que ouvi um “tlim”... Parecia o “tlim” de uma máquina de escrever...

— Talvez tenhas ouvido a Mão Invisível a escrever... Talvez a oiças a escrever uma nova história sobre a desinflação da moeda...

— Porque, se calhar, há mais ouro e recurso no fundo dos oceanos e dos rios e dos mares do que aquilo que pensamos. E se calhar, uma moeda não vale assim tanto com tanto ouro e recursos.

— Pois, agora não vale de certeza... Agora o novo ouro é o lítio... Vocês lembram-se de verem o lítio na tabela periódica em físico-química? Ninguém dava nada por ele... Nem sequer saía muito nas fórmulas...

— E agora, de repente, parece que é fórmula que dá vida às baterias nada, mas nadinha, poluentes... Às baterias verdes, mas tão verdinhas, tão esverdiadinhas que elas são... Tão lindas... Tão ecológicas...! De certeza que a indústria verdinha, sempre muito preocupada em explorar os recursos que há na natureza, a seu tempo, quando lhe apetecer, é claro, lembrar-se-á de inventar baterias que se degradam na Natureza... Vai ser lindo! Não acham?

— Eu acho que nós temos de ter cuidado com o que dizemos... Sabem que cada coisa que dizemos na economia, faz a economia ir logo explorar e desgravatar...

— Não estou a ver a economia a desgravatar os fundos dos mares, rios e oceanos...

— Deem-lhe um fato de mergulho e uma garrafa de oxigénio e vão ver a economia a desgravatar os fundos de tudo e

mais alguma coisa... É só injetarem-lhe oxigénio... É só injetarem-lhe capital... Capital, capital, capital...! Só de dizer “capital” até parece que fico com mais oxigénio...

— Porque foste injetado com capital...

— Não senti nada...

— As injeções de capital são assim mesmo: não se sentem...

— Só porque são invisíveis?

— Sim.

— Que exagero!

— Que exagero, porquê?

— Agora, só porque as injeções são invisíveis elas não se sentem, queres ver? Vais dizer que a economia não sente...? Vais dizer que a economia toda não sente?...

— A economia toda não sente nada!

— Que exagero!!!!

— Sim... Que exagero!

— Exagero, é nenhum português recém-licenciado não conseguir pagar um T1 em Lisboa!

— Que exagero! Agora, nenhum português recém-licenciado não consegue pagar um T1 em Lisboa???

— Nenhum!

— Que exagero!

— É um exagero, nenhum português recém-licenciado ou recém-casado ou solteiro conseguir pagar um mísero T1 em Lisboa! E é em Lisboa e nos arredores...

— Que exagero!

— E se trabalha ou estuda em Lisboa onde é que vai ficar, se não consegue tomar uma renda nem em Lisboa, nem nos arredores?

— Que exagero!

— Ou os ordenados aumentam ou então tem de se emigrar.

— Que exagero!...

— Emigra, emigra... Vai lá para fora, vai...

— Que outra hipótese se tem? Sobreviver? Nem pensar! Estamos no século XXI, não nascemos para sobreviver, para andar a sobreviver, mas sim para viver!

— Emigra!!!

[Tlim]

— Ouviram ou não ouviram o “tlim”?

— Só tu é que estás conectada ao “tlim”... Só tu é que ouves o “tlim”...

— A Mão Invisível deve ter colocado um chip no “tlim” e nos teus ouvidos... Por isso é que só tu é que ouves o “tlim”...

— Digo-te que, nesta Era tecnológica, é uma sorte a Mão Invisível só te ter introduzido um pequenino chip nos ouvidos e não te ter implementado um a sério no cérebro...

— Que exagero!...

— Podem chamar-nos o que quiserem! Podem chamar-nos *Os Autores do Sistema*, podem chamar-nos os exagerados... Até nos podem chamar *Os Malfeitores da Economia*...

— Dava um bom título... Espero que os algoritmos não nos tenham ouvido...

— Que exagero! Até parece que os algoritmos dos microfones dos telefones, dos tablets, dos relógios “inteligentes”, das TV’s “inteligentes” ligados à Internet ouvem tudo...

— Que exagero!!!

— Como se nesta Era tecnológica, em que o petróleo são os dados, sobretudo os dados de voz, os algoritmos não tivessem mais nada que fazer do que estar por detrás dos microfones dos nossos dispositivos ligados à Internet a escutarem tudo e a levarem *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto, as conversas para o fantástico mercado de dados do Big Data...

— Que exagero!!!

— Mas para onde é que já estamos a levar a conversa? Não é cedo demais?...

— Agora, é cedo demais?... Já é, é tarde demais...

— Que exagero!!!!

— Parece que estamos dentro da mente a ver o cérebro de Federico Ferrari a escrever sob um grande stress *A Paranóide Tecnológica ...*

— Mas o stress não era o argumento, mas em 2080 de Antoine Canary-Wharf?

— Vocês mudam de filme *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto... Impressionante... Parece que estamos a correr a ver os filmes todos...

— Porque são infinitos filmes que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom nos mete à frente dos olhos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— E depois vem um mercado *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto que nos quer chipar os olhos para ver que filmes é que passam à frente dos nossos olhos?!!!...

— Mas quem?? Quem é quer ver? O Big Data?

— Mas é uma chipagem não invasiva...

— É poética, não é?...

— Ah! Vocês também lhe sentem a poesia?

— Claro... É uma chipagem muito poética...

— Mas quem? O Big Data?

— Numa Era tecnológica também era o mínimo... Claro que tinha que ser uma chipagem à distância... Sem chips...

— Com chips... Mas com chips invisíveis...

— Parece que falamos completamente chipados...

— Parece que fomos completamente chipados...

— Mas como é que os chips são invisíveis?

— Porque os chips funcionam à distância... São muito tecnológicos...

— Os chips são as câmaras.

— Os chips são os microfones.

— Isto é uma economia circular, vocês ainda não perceberam?

— Uma economia circular?

— Pois... Agora é a vez da economia circular... A banca toda está a financiar a economia circular... E se for digital e envolver o tratamento de dados, parece que cabe perfeitamente na definição...

— Ai é?...

— É...

— Claro que é... Quem é que é afinal o maior detentor das ações do Big Data?

— O maior acionista do Big Data é *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom...

— Ah!... Então podemos ficar todos muito mais descansados com o mercado de dados, não é? Nem sei porque é temos de andar sempre com o Wi-Fi e os dados móveis DESLIGADOS se o maior acionista do Big Data é *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom...

— Eu não sei é porque é que temos de instalar uma *App* para as nossas orações chegarem a’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom...

— Mas o quê? *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom mandou baixar uma aplicação para as minhas orações chegarem a Ele?

— Quando dizes “Ele”, escreves “Ele” com a letra inicial maiúscula ou minúscula?

— Ora, se *O Deus Tecnológico* é o maior acionista do Big Data, basta ligarmos os dados móveis e falarmos, que os algoritmos encarregarão de levar todos os nossos desabafos e orações a’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom...

— Sim, não precisamos de instalar *App* nenhuma...

— Eu acho que a aplicação d’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom é mais segura para levar as orações... Ouvei dizer, que na aplicação as orações vão “encriptadas”...

— O quê? Nem os Anjos Tecnológicos d’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom conseguem hackear as orações?????

— Nem os anjos!!!! Tal é a “encriptação”...



— «Já instalaste a minha *App*? — perguntou o Deus Tecnológico de Simão Roncon-Oom...»

— «Porque não tens instalada a minha *App* no teu telefone? — perguntou indignado *O Deus Tecnológico...*»

— «O teu banco mandou-te instalares a *App* e tu instalaste; e eu mando-te instalares a minha *App* e não instalas? — perguntou *O Deus Tecnológico* indignadíssimo...»

— «Só porque tive a ideia do *login* na *App* ser feito através da impressão digital não queres instalar a minha *App*???? Porque tens medo que eu te leia a impressão digital? Deixaste a tua universidade e todos os teus professores lerem-te a impressão digital, deixaste o teu banco mandar analisar a biometria da tua impressão digital...»

— «Deixas o supermercado ler-te todos os dias a biometria que há na tua impressão digital, deixas o teu patrão e o teu senhorio lerem a tua biometria, só porque celebraste com eles um contrato de trabalho e um contrato de arrendamento, mas não me deixas a mim, Deus Tecnológico, ler a tua biometria...?????»

— «A biometria que fui eu, Deus Tecnológico, que tive a ideia de a mandar imprimir só em ti e de não a repetir em mais ninguém???????? — perguntou *O Deus Tecnológico* para lá de mais do que indignadíssimo...»

— Para lá de mais do que indignadíssimo...

— Esperemos que o Simão Roncon-Oom aproveite a boleia do nosso teatro político e insira este nosso teatro meio improvisado no seu próximo livro...

— Mas isto ainda não acabou...

— Ah, não?

— Não... De certeza que não... Vais instalar ou não vais instalar a *App*?

— «Se não instalares a minha *App*, não falo contigo... Preciso de ver os teus traços de personalidade através da tua impressão digital para saber como interagir contigo... — disse O Deus Tecnológico...»

— Vocês já pensaram que estamos numa Era perfeita de sermos uma experiência científica de dados?

— Que experiência científica de dados?

— A ciência biométrica tem padrões de impressões digitais que consegue relacionar com traços de personalidade... Por exemplo, diz-se que quem tem uma determinada forma de impressão digital é porque tem determinadas características...

— Mas a impressão digital de cada ser humano não é única?

— Sim... Mas há padrões nas impressões digitais...

— Por isso é que eu não dou a minha impressão digital a qualquer ente... Muito menos a um ente privado! Dei ao Registo Civil e dou à Polícia. A mais ninguém dou a minha impressão digital! «Porque é a minha impressão digital!» A tecnologia está sempre a correr a 200 km/h...

— Parece mesmo que anda a correr *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— Realmente é assustador...

— Primeiro direito fundamentalíssimo de todos desta nossa 1ª Grande Reunião: todos têm o direito a proteger a sua impressão digital e o direito a oporem-se a ceder a sua impressão digital a qualquer ente privado e público, exceto ao Registo Civil e à Polícia (em processo criminal?), sem serem excluídos da vida social, económica e laboral.

— Porque somos seres sociais!!!!!!

— Porque somos chiques!!!!!!

— Somos chiques, mas temos de trabalhar...

— Somos tão chiques...!!!

— Porque os chiques também trabalham...!

— Parecemos mesmo umas formiguinhas... Sempre a trabalhar, sempre a trabalhar...

— Por isso, é que se achou por bem codificar-se o trabalho... Mas havia muitos que não queriam... Não queriam que se fizesse um Código do Trabalho...

— A sério?

— Mais uma intriga...

— A sério...

— Lembro-me quando falei em Direito do Trabalho da questão da obrigatoriedade das impressões digitais dos trabalhadores para abrir portas na empresa ou para picarem o ponto...

— Deixa-me adivinhar... Defendeste a proibição da obrigatoriedade...

— Sim...

— E deixa-me adivinhar... O teu professor, que detesta sindicatos e odeia defensores dos trabalhadores pobres, monitorizados e oprimidos, ficou a olhar para ti com uma cara...

— Com que cara é que o teu professor ficou a olhar para ti?

— É preciso muita lata...

— Foi preciso muita lata, para o meu professor ter interrompido a minha apresentação sobre “A Proteção dos Direitos de Personalidade do Trabalhador” para me perguntar qual era o meu problema com as empresas que tratam “licitamente” as impressões digitais dos trabalhadores, desde que “notificado” à Comissão Nacional de “Proteção” de Dados...

— Estava-se mesmo a ver...

— Porque é só isso que “pede” o número 1 do artigo 18º do Código do Trabalho, não é...? Uma “simples notificação”...?

— Sim... Ridículo!

— Um código que finge que protege...

— Mas que não protege nada...

— É um código a fingir!

— Não é um código a sério!!!

— Realmente o código é muito engraçado... Em todo o “capítulo” sobre os Direitos de Personalidade sobretudo da proteção de dados pessoais, dados biométricos, dados médicos, que nesta Era, com a Medicina de Precisão à porta, são só os dados mais sensíveis de todos; e com os dados de imagem e voz, que nesta Era, com o Mercado de Dados e com a utilização dos meios de vigilância à distância como câmaras e microfones, são só os dados mais sensíveis de todos, é tudo “salvo”, “salvo”, “salvo”, “salvo”, “salvo”, “salvo”...

— É um legislador que finge que quer proteger os dados, mas que salva o mercado de dados...

— Isto teve piada, não teve?

— Oh! Isto tem tanta piada! Por isso é que nos estamos a rir sem parar... Isto é um riso...

— Que risada! Que risada que dá este legislador que salva o mercado de dados...

— E que salva a Medicina de Precisão, também...

— Mas isso salvamos todos! Ou não salvamos?

— Ah, salvamos?...

— Sim, salvamos... Desde que seja uma Medicina de Precisão que não seja com nanorobots, biochips, telefones, aplicações e relógios inteligentes que ouvem por tudo e por nada em casa o nosso coração a bater e não o irradiem constantemente com radiações até lhe darem uma arritmia, está tudo bem...

— O Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala n’O *Algoritmo do Amor* é que quase dá um ataque cardíaco à Medicina de Precisão e ao Mercado de Dados...

— Isso está em que página?

— Capítulo X, página 642 da 1ª Ordem de Impressão da 1ª Edição...

— Cabrão! Também ficaste com uns dos 6 exemplares da 1ª Ordem de Impressão da 1ª Edição d’O *Algoritmo do Amor*?

— Um desses 6 exemplares não foi leiloado por 10 milhões no Tribunal dos Concursos e Leilões?

— Que exagero!...

— Bom... Se uma casa pode ser leiloadada por 10 milhões não vejo porque um livro também não possa ser leiloadado por 10 milhões...

— E leio da página 642 até onde?

— Até ao final do capítulo, até à retirada da Helena... São só cerca de 10 páginas sobre o mercado de dados...

— Fora todas as outras...

— Mais uma intriga...

— O Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala é um intriguista...

— O que é que estamos a dizer?

— Não somos nós que estamos a dizer... É o mercado de dados... Ou acham que o mercado de dados não olha para o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala como um grandessíssimo intriguista...?

— Porque é que eu parece que vejo a Mão Invisível às vezes a escrever “mercado de dados” com letras minúsculas e outras a escrever “Mercado de Dados” com letras maiúsculas?

— Porque depende da forma como te diriges ao mercado de dados...

— Hum...

— Bom... Quando eu falei do mercado de dados como resposta ao meu professor de Direito do Trabalho ele basicamente mandou-me calar e nem sequer deixou-me apresentar mais o trabalho. Nunca mais pus os pés nas aulas dele. Tirei 15 na frequência e disse que só me dava 11 por ter desaparecido das aulas dele como se “alguém me tivesse feito algum mal”... Tive que ir a exame, porque não me deu o 12 para dispensar a merda da cadeira...

— Quanto é que tiveste no exame?

— 17.

— Mandaste calá-lo, assim, com um 17?

— Sim. Ainda teve a lata de trazer a ficção científica para a vida real do Direito e perguntar-me se eu “era contra” os agentes dos “Ficheiros Secretos” terem de abrir uma porta biométrica com a impressão digital para acederem a uma sala “ultra secreta” com informações “ultra confidenciais”, meio a rir-se... Meio a gozar comigo... Ai... Senti-me gozado, sabem?

— Mas isso já depois com o 17?

— Não... Isto foi antes do 17...

— E o que é que tu lhe respondeste?

— Disse que nos Ficheiros Secretos e na Ficção Científica fazia todo o sentido uma porta biométrica dessas em que eu, agente secreto, tenho de entrar através da minha impressão digital. No entanto, na vida real das empresas e na vida real portuguesa não me parece muito sensato nem consigo vislumbrar o argumento formidável necessário, adequado e “proporcional” de que fala o número 2 do artigo 18º do Código do Trabalho, que

a empresa poderia inventar para tratar a impressão digital dos seus trabalhadores, fosse numa fábrica, num supermercado, num hospital privado, porquanto bastasse uma porta com código ou com cartão...

— Porque se eu quiser assaltar uma porta com cartão tanto posso roubar o cartão, como posso cortar o dedo do funcionário se a porta for com impressão digital...

— Claro que introduzir um código numa porta que vai dar a uma sala de acesso restrito é mais do que suficiente! Mas nesta Era tecnológica já nem é preciso cortar o dedo que tem a milagrosa impressão digital que abre a porta-mágica... Hackers já conseguem, na boa, “driblar” os sistemas biométricos... É só chamar um hacker.

— E nesta Era de Internet de Coisas posso encontrar hackers no Grindr, no Tinder, no Instagram, no Facebook, no Messenger, no Orkut... Enfim... Está feito o argumento!

— Mas nem precisamos de chamar hackers... Conferências de cibersegurança já revelaram que uma impressão digital pode ser clonada em menos de meia hora com um material que custa menos do que 10 euros, com a simples criação de uma impressão digital a partir de um molde de plástico ou cera de vela...

— Nós não gostamos dos plásticos... Os plásticos não são sustentáveis e dão cabo de todo o ambiente! Estão completamente fora da nossa política...

— Sim, não é preciso estarmos a chamar nem os hackers, nem os plásticos... É verdade que os avanços da biometria em questão da segurança são cada vez maiores, no entanto é preciso é sermos lúcidos e capazes de perceber que todos os dispositivos

que processam e armazenam os dados, todos os servidores, plataformas, nuvens e bancos de dados que armazenam e tratam dados são hackeáveis. Por exemplo, o armazenamento de dados biométricos como o TouchID ou o Face ID do iPhone que, supostamente, é considerado mais seguro do que o armazenamento de dados de um provedor de serviços, seja ele público ou privado, mesmo quando os dados são criptografados, há um risco associado... E vamos o quê? Andar sempre penetrados nestas relações tecnológicas com o “risco associado” atrás? E o meu direito à *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari?

— O teu direito à *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari é completamente lícita e legítima nesta Era tecnológica! Um grupo que simplesmente fotografou uma impressão digital deixada numa superfície de vidro, conseguiu usá-la para desbloquear o iPhone 5s...

— Pronto... Mais uma intriga... Ainda por cima com um gigante tecnológico... Espero que não nos capture as impressões digitais e não nos prenda no seu banco de dados...

— Somos ainda mais intriguistas do que o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala...

— Somos é corajosos!!!

— Ah!... Mas o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala também foi muito corajoso no seu romance político-jurídico-económico...

— Falou para ali de umas coisas...

— Meteu-se ali também com um gigante do mercado...

— Estão a falar de que gigante?

— Ainda vai é ser penetrado pelo gigante do mercado...

— Como se *O Algoritmo do Amor* se deixasse ser penetrado...

— Como se *O Algoritmo do Amor* se deixasse ser capturado...

— (...) O que eu sei é que nós acabámos de nos meter com um gigante tecnológico e como eu já disse, o que eu espero é que não nos capture as impressões digitais e não nos prenda no seu banco de dados...

— Como se nós nos deixássemos ser capturados por um gigante tecnológico...

— Não fomos nem seremos capturados, sabes porquê?

— Porque não temos um iPhone?

— Vês? É assim que se fazem intrigas tecnológicas numa Era tecnológica... Não nos podemos esquecer que somos só um género de Crítica em Intriga Tecnológica...

— Mas nós não somos intriguistas... Somos é corajosos... Porque nesta Era, é preciso coragem para termos um iPhone...

— Mas coragem porquê?

— Sim... Nós somos é corajosos!!!!

— Mas somos corajosos, porquê???

— Como se nesta Era fosse preciso alguma coragem não ir a correr comprar um telefone super-tecnológico sempre que sai mais um novo telefone super-tecnológico...

— Olha que é preciso coragem...

— Sim... Não são todos como nós, os que conseguem resistir à chipagem do mercado...

— Agora os telefones até já vêm com uma Inteligência Artificial e com não sei quantas câmaras...

— Parece um bicho com olhos... Cheio de olhos...

— Parece sei lá o quê...

— E é preciso coragem para não comprar uma coisa dessas?

— Claro que é preciso coragem... Nesta Era tecnológica, é preciso coragem para não comprarmos uma coisa tecnológica que se quer ligar a não sei quantas coisas...

— Uma coisa tecnológica que se quer ligar ao nosso cérebro...

— Mas não é por mal...

— Simplesmente é uma coisa tecnológica muito inteligente que só se quer ligar a algo tecnológico muito inteligente... E simplesmente sabe que o nosso cérebro é tecnológico e inteligente...

— Ah! Pronto... Não é por mal...

— Claro que não é por mal... O mercado sabe que somos humanos... O mercado não ia inventar uma coisa que fizesse mal aos humanos... Não nos podemos esquecer que o mercado precisa dos humanos...

— No fundo, o mercado só quer é ver os humanos a consumir as suas tecnologias... Não é por mal...

— O mercado só quer é conhecer os humanos... Só quer conhecer mais de perto... O mercado só quer compreender os humanos... O mercado só quer arrecadar o máximo de informação comportamental sobre os humanos... Quer lá agora fazer mal aos humanos...!!!

— Sim... Se o mercado violar direitos de privacidade ou de intimidade dos humanos, dos consumidores, dos estudantes, dos pobrezinhos, dos reformados, dos pensionistas, dos coitados ou dos trabalhadores, não é por mal... A sério... Aliás, quase que podemos jurar pelo mercado, ou não somos corajosos?

— Talvez nos tenha faltado a coragem de jurar pelo mercado... Vá lá... Temos de admitir... Não conhecemos todo o mercado... Não somos omniscientes...

— Mas não precisamos de ser omniscientes para podermos pôr travões à economia! E temos de saber pôr-lhe os travões!!!

— E vamos pôr-lhe os travões! Se o mercado quiser predar impressões digitais, que o faça; mas que o faça, fora da nossa economia!

— Onde é que já se viu, num Estado de Direito como o nosso, vermos um mercado de dados esfomeado por tudo e por nada a capturar impressões digitais?

— E vemos um mercado ditatorial, com as suas empresas, a obrigar todos os trabalhadores a terem de dar as suas poderosíssimas informações biométricas que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom mandou imprimir em cada uma das suas impressões digitais????

— Mas se quisermos voltar ao argumento de que “introduzir um código numa porta que vai dar a uma sala de acesso restrito é mais do que suficiente” e não quisermos mais acompanhar o argumento...

— Mas porquê? Vais deixar de acompanhar, agora, o teu próprio argumento? É que tu, às vezes, és capaz de ir contra (d)aquilo que já argumentaste...

— E depois matas o argumento...

— Mas ainda bem que estamos cá para acompanhar o teu primeiro argumento... Ainda bem que nos convenceste com o teu primeiro argumento...

— Até tenho medo de ver qual é que vai ser o teu novo argumento...

— Parece que, às vezes, sentes a pressão do mercado... Parece que vês a Mão Invisível...

— Até me posso sentir pressionado pelo mercado... Sou humano e sou um sobrevivente. Temos de ser todos sobreviventes e sabermos sobreviver nesta Era tecnológica... Mas não enfio merda de óculos nenhuns de realidade virtual aumentada para poder ver uma fantástica Mão Invisível... Se estivermos a falar de sítios “muito importantes” de acesso reservado como, por exemplo, um banco ou um hospital em que

há passagens que só podem ser feitas por bancários ou por médicos, que a porta então se abra por reconhecimento facial.

— Mas tu que eras contra o reconhecimento facial...

— Mas já não sou...

— Que engraçado! Essa tua porta que se abriu em que vimos bancários e médicos a passarem “ao mesmo tempo” por ela, até teve piada... Parece que fomos parar a 2080 de Antoine Canary-Wharf...

— Iam de mãos dadas, não iam?...

— Parece que iam casados por uma Medicina de Precisão...

— Já se pode casar pela Medicina de Precisão?

— Acho que os casamentos ainda só são celebrados entre médicos e bancários...

— Sabiam que o Citibank já usa reconhecimento de voz?

— Ah!... Estamos bem com o nosso banco... Podemos assinar os documentos bancários com a maior depressão na nossa voz que o nosso banco nunca processará nem armazenará nem tratará a nossa depressão...

— Porque (...) não usa algoritmos nos microfones que analisam a voz e que detetam a depressão só pela voz em menos de 10 segundos... São precisos quantos segundos para se detetar a depressão na voz?

— Nem sequer há microfones (...) ...

(...)

— O quê? Um banco em *2080* (...) sem microfones, sem robots e sem assistentes virtuais, só com seguranças??? Com seguranças humanos de carne e osso??? Sem nenhum implante tecnológico???? Sem auriculares dos Ficheiros Secretos??? Com walkie-talkies???? Seguranças com walkie-talkies em *2080*??? Sem lentes de contato que fazem reconhecimento facial aos clientes e os enviam como dados de tudo e mais alguma coisa????? Em *2080* de Antoine Canary-Wharf, só no nosso Bank(...)...

— Isto quase que parecia um anúncio...

— E foi um anúncio... Também sabemos fazer anúncios... E vem aí mais um anúncio... Ora, vamos ouvir...

— Sabiam que o banco britânico Halifax está a testar dispositivos que monitorizam os batimentos cardíacos para confirmar a identidade dos clientes?

— Afinal, *2080* chegou mesmo mais cedo...

— Isso é a sério? Um banco ouvir o ritmo que há no meu coração?...

— Às vezes, parece que vives num mundo da fantasia... Claro que é a sério...

— Definitivamente que estamos em *2080* de Antoine Canary-Wharf...

— Portanto, nós não estamos a falar de um “simples” reconhecimento facial...

— Não... Estamos a falar de uma porta biométrica que se abre ou de um contrato biométrico que se assina numa perfeita triangulação de dados...

— Triangulação de dados?

— Sim... Do tipo GPS... Uma autenticação num perfeito triângulo de dados de 3 fatores: 1 fator que incorpora algo sobre nós, como a nossa biometria, seja a nossa impressão digital, seja o nosso batimento cardíaco, porque até há uma biometria no nosso batimento cardíaco, o Halifax não é parvo de todo, não é...? O Halifax é um banco a sério que simplesmente está a ver o mercado, está com os olhos postos no mercado e eu acho que é assim que nós conseguimos mais ou menos salvar-nos desta Crítica em Intriga Tecnológica...

— Obrigado por nos teres salvo! Obrigado por teres salvo as nossas contas e poupanças...

— Ora, essa... 1 fator que temos na nossa posse, como um token ou pen de hardware ou autenticação por telefone e 1 fator que conhecemos, como uma senha...

— Tudo isso para abrir uma porta? Que chatice...

— Tudo isso para assinar? Que maçada!...

— Mas afinal tudo isso, porquê?

— Por causa do vírus tecnológico que nos distanciou de tudo e de todos?

— Mas se é para se abrir uma porta à distância ou para se assinar um contrato à distância, que se faça com a chave móvel digital... Porque tão depressa podem roubar-me o telefone e

saberem a minha senha e assinar com a minha chave móvel digital, como me podem roubar a impressão digital...

— Sim. Já que gastámos dinheiro público na criação da Agência para a Modernização Administrativa, que é um instituto público integrado na administração indireta do Estado, vamos continuar a usar as suas chaves móveis digitais antes que se aperceba da vulnerabilidade delas...

— E se ponha com ideias mais tecnológicas...

— Que outras ideias mais tecnológicas?

— Sabemos lá! Videochamadas com reconhecimento facial e de voz que autenticam contratos e mandam portas abrir...

— É só dizer “porta abre” e ela abre-se, pronto. A nossa voz nesta Era tecnológica de Internet das Coisas pode ser o comando de tudo...

— Ah! Eu não quero fazer videochamadas com a Agência para a Modernização Administrativa...

— Nem eu! Se nem faço com a minha avó... Se nem faço uma videochamada com o meu namorado... Ia agora fazer uma videochamada com um ente público ou privado? A minha avó e o meu namorado iam morrer de ciúmes... E eles são tão espirituais com estas coisas...

— Percebo... Se a introdução de uma senha ou a autenticação com chave móvel digital não for conveniente, então que se faça com reconhecimento facial, é isto?

— Sim, já tínhamos encerrado essa Missão Impossível dos Ficheiros Secretos...

— Sim, mas por “simples” reconhecimento facial. Tem de ser através de uma “simples” câmara que só tem a capacidade de identificar “os ossinhos”, as rugas e os poros da cara e que não esteja ligada à Internet e que não armazene os dados em nuvem e que obviamente não tenha a capacidade de ler ou analisar a retina, a íris ou o estado de espírito do trabalhador, se ele está feliz, triste, aborrecido, com fome ou zangado...

— Eu acho que isto para todos é obvio! Se eu sei que consigo “sacar” informações através da impressão digital ou se sei que tenho, pelo menos, um mercado e uma ciência a crescerem à volta disso, eu, Direito, tenho de ser um pouco mais sério a fazer códigos, ponto final, parágrafo.

[Tlim]

— Ouviram ou não ouviram o “tlim”?

— Só a ti é que a Mão Invisível te chipou... Só tu é que ouves o “tlim”...

— E por falar em chips... O que dizemos sobre os chips no trabalho?

— Quais chips? Aqueles headphones ou auriculares sem fios que a Mão Invisível mandou pôr nos trabalhadores? Porque para mim, esses são os chips no trabalho...

— É imediatamente para tirar! Mas imediatamente!

— Aquilo faz mal aos trabalhadores!

— Claro que faz! É o Direito à Saúde dos trabalhadores que vai falar sempre mais alto! Era o que mais faltava uma empresa ou um ente da Administração Pública poder obrigar os trabalhadores a darem cabo dos cérebros e dos ouvidos e dos olhos com a merda daquelas ondas “sem fios” numa constante emissão de dados e de ondas...

— Sabiam que muitos trabalhadores estão permanentemente ligados com um microfone que grava permanentemente a voz dos trabalhadores?

— Claro que sabíamos e por sabermos é que é para acabar com isso imediatamente! Isso é uma monitorização ilícitamente disfarçada! Isso para nós é um crime! É a mesma coisa que as câmaras. É para darmos cabo da parte do Código do Trabalho que diz que “afinal” o empregador pode pôr câmaras, desde que seja para “proteger as pessoas e bens”...

— Porque eu posso muito bem pôr câmaras numa sala e dizer que só estou a fazê-lo para proteger os objetos da sala de um eventual furto, quando na verdade estou a filmar o meu trabalhador e a monitorizar, classificar, controlar, apreciar, analisar, o desempenho dele.

— Ou a masturbar-me com ele. Simplesmente a vê-lo a mexer o rabo por detrás da câmara... Isto é uma realidade que nós sabemos que existe...

— Pois é. Infelizmente conhecemos a realidade.

— E simplesmente porque eu não tenho de estar a trabalhar com uma câmara apontada a mim, nem sequer tenho de ver que está uma câmara a filmar-me cada vez que passo por ela vestido com a farda pelo patrão que me vê com um prazer enorme como um objeto na sua mini-prisão-tecnológica em que

me faz lembrar todos os dias que estou dentro de uma prisão-tecnológica e que tenho de estar ali acorrentado a trabalhar, completamente infeliz e sem liberdade nenhuma com câmaras a filmarem, porque estou acorrentado ao banco com um crédito capaz de penhorar a minha própria casa.

(...)

— Só há câmaras de vigilância nos bancos, nas prisões e nos aeroportos!

— Que foi onde as câmaras nasceram, não foi?

— Sim. Depois com o mercado de dados, é a proliferação do mercado das câmaras de vigilância a que estamos a assistir...

— Temos muita pena, sabemos que o mercado das câmaras vai ficar muito triste e zangado connosco, mas nós estamos completamente a cagar-nos para isso! Ou não estamos?

— Claro que estamos!

— O que é que ele disse? Que eu acho que não ouvi bem...

— Disse que estávamos completamente nas tintas para a merda do mercado perverso! O mercado perverso que morra de uma vez! Estamos numa Era sustentável com uma agenda sustentável... Câmaras de vigilância e drones são completamente insustentáveis!

— Olhem só que bonito teatro que nós fomos arranjar... Sinceramente...

— Quem nos arranjou este teatro político-económico foi a Mão Invisível...

— Não há câmaras em mais lado nenhum! Mas realmente, que teatro vem a ser este???? Estamos fartos de câmaras por todo o lado! No meu tempo não havia câmaras na minha escola secundária (...) ...

— Ah, querido!... Desculpa-me... Mas eu era menina do Liceu (...)... Os meus pais sofisticados nunca me iriam deixar andar numa escola que sabiam que iria acabar por filmar os alunos... Os meus papás conhecem muito bem o mercado... Enfim... São economistas...

— Oh querida, então tens que ir ver as câmaras de filmar sofisticadas que os teus pais sofisticados deixaram a direção do Liceu (...) instalar por todo o liceu... Aquilo agora é dá para fazer uma novelas fixes... E os putos do liceu são todos giros... É uma mais-valia...

— E ainda por cima são todos betinhos...

— É uma mais-valia...

— Tu só foste para a cama com betinhos?

— Claro! Achas que me ia meter na cama com mitras?

— Tu não andaste com um mitra lá da secundária (...)?

— Sim, mas não fui para a cama com ele... Éramos muito putos na altura... Eu só queria era andar aos beijinhos...

— As vezes que eu saltava com o meu namorado à noite os portões (...) sem dar cana... (...) Com câmaras acabaram-se logo os beijinhos...

— Em Londres nem dá para dar beijinhos em esquina nenhuma sem dar cana...

— É câmaras por todo o lado...

— Mas porque é que de repente voámos para Londres?

— Porque estamos a voar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto...

— E porque Londres é uma sofisticação de câmaras...!

— Portugal não é nem será uma Londres! Inglaterra nasceu com os seus códigos. Portugal nasceu com os seus códigos. Temos códigos diferentes dos ingleses. Quando os ingleses vierem a Portugal já sabem que não serão filmados, podem dar beijinhos por todo o lado. Quando os portugueses forem a Londres já sabem que serão filmados e em cada esquina antes de se porem aos beijinhos têm de olhar bem para ver se há ou não câmaras.

— Até pode ser um jogo divertido de câmaras...

— Fazem parecer-nos ratos em laboratório... Parecemos ratos num laboratório tecnológico cheio de câmaras...

— Vocês já pensaram que estamos numa Era perfeita de sermos uma experiência científica de dados?

— Que experiência científica de dados?

— Parece que estou a ter um *déjà vu*... Ou o *déjà vu* faz parte da experiência científica de dados?

— A ciência biométrica tem padrões de impressões digitais que consegue relacionar com traços de personalidade...

— Isso é verdade?

— É verdade...

— Por exemplo, “diz-se que quem tem uma determinada forma de impressão digital é porque tem determinadas características”... Era isto que ias dizer?

— Era... Como é que sabes?

— Foi um *déjà vu*...

— Mas a impressão digital de cada ser humano não é única?

— Mas tu já não perguntaste isso?

— Estás a ver uma experiência científica de dados... Tens de aprender a apreciá-la... Saber apreciar, também faz parte da experiência...

— Claro... Tudo é uma experiência... Ridículo! Bom, eu respondo-te: sim, a impressão digital de cada ser humano é única; no entanto, há padrões nas impressões digitais...

— E agora tu vais dizer: “por isso é que eu não dou a minha impressão digital a qualquer ente...”

— Obrigado! Por isso é que eu não dou a minha impressão digital a qualquer ente...

— Deste ao Registo Civil...

— Dei ao Registo Civil...

— Vais dar à Polícia...

— Vou dar à Polícia...

— Mas não vais dar a mais ninguém a tua impressão digital, porque estamos a falar da tua impressão digital...

— Mas não dou a mais ninguém a minha impressão digital! «Porque é a minha impressão digital!»

— Muito bem... E depois acho que foi mais ou menos a partir deste nosso entendimento que consagrámos o nosso primeiro direito fundamentalíssimo de todos poderem proteger e reservar para si a sua impressão digital...

— Ah! Já me lembro!...

— Bem... Ainda bem que consagrámos a tempo da experiência científica de dados...

— Mas que experiência científica?

— Das empresas poderem tratar as impressões digitais com as informações comportamentais que têm dos seus trabalhadores a partir dos dados de voz...

— O que é que tu estás para aí a dizer?

— Nem pareces um legislador... Pareces é um analista ou um empresário de dados... Acabaste de dar uma brilhante ideia ao mercado de dados... Parabéns senhor analista! Parabéns!...

[Tlim]

— Mas que ideia???

— Não ouviste a ideia de experiência científica dele?

— Não... Mas ouvi um “tlim”...

— O que eu estou a tentar dizer é que se nós não tivéssemos consagrado este nosso novo “verdadeiro” direito fundamental da “Reserva da Impressão Digital e Direito da Proteção Individual dos Dados Biométricos”, que eu acho que ficava muito bem assim como epígrafe, as empresas poderiam a partir da base de dados das impressões digitais, apostar e ver se batiam certo os traços de personalidade-padrão dos trabalhadores com as discussões entre os trabalhadores e com a simpatia dos trabalhadores demonstrada aos clientes... Por exemplo, se eu sei o signo de um trabalhador que é leão, tenho a sua impressão digital que diz que tem espírito de liderança e depois oiço-o através do microfone sempre a mandar em todos e fazer tudo à sua maneira, é porque bate tudo certo...

— Segundo o Instituto Nobre de Astrologia, as pessoas de signo Leão e com o ascendente em Virgem e com a Lua em Carneiro e com Jupiter na casa 5 são pessoas com um forte espírito de liderança...

— Não acham que isso é um pouco esotérico, agora, antes das legislativas...?

— Nem por isso... Acho que até está altamente relacionado... Vocês não acham?

— O quê? Que devíamos mandar pôr o Instituto Nobre de Astrologia ao lado do Instituto Nobre de Psicologia e mandar pôr como facultativa a disciplina de Astrologia ao lado da disciplina facultativa de Religião Moral...?

— Ou como facultativa a cadeira de Astrologia ao lado da cadeira facultativa do Cristianismo...

— Oh-Meu-Deus! Lá porque estamos numa Era de Internet de Coisas não estão a pensar ligar a Astrologia à Psicologia ou à Religião ou a Deus, pois não?

— Bom... Se nós estamos numa Era cada vez mais tecnológica que cada vez mais nos liga ao cosmos, ao espaço e a todos os astros, eu acho que seria importante termos os astrólogos connosco nas nossas viagens espaciais, pelo menos, a *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Isto só porque... Enfim... Sabem... Em Jupiter há muitos asteroides... A passar sempre de um lado para o outro... E eu muito sinceramente... Acho mesmo que poderíamos ter o caminho um pouco mais facilitado com os astrólogos na nossa viagem... Podiam sempre prever asteroides a virem direitos na nossa órbita...

— Hum...

— Foi muito rebuscado?

— Rebuscado não quer dizer refinado? Os meus professores diziam sempre que nos assuntos mais complexos eu trazia sempre à baila argumentos muito rebuscados...

— Queriam dizer que por seres “refinado”, trazias sempre argumentos muito “refinados”... Deixa-me ver as tuas mãos...

— Para quê?

— Deixa-me ver... Uau!... Sinto o teu toque refinado... Que bonitas mãos... Que mãos tão refinadas! Deixa-me ver quão refinadas são as tuas impressões digitais... Deixa-me tocar nelas... Deixa-me olhar bem para elas...

— Mas esperem lá... A Astrologia também lê impressões digitais? Eu pensava que só lia os signos...

— Mas eu não sou a Astrologia...

— Eu, se fosse a Astrologia, nesta Era de Internet de Coisas, metia-me era também na corrida aos novos bancos de impressões digitais e neste novo mercado de análise biométrica e comportamental e começava a ler era as impressões digitais e deixava as áureas e as almas...

— Mas vocês sabiam que aquela expressão popular de que “os olhos são o espelho da alma”...

— Eu digo é que “os olhos são a cor da alma”...

— Sim... Espelho ou cor é a mesma coisa... Sabiam que afinal parece ser mesmo verdade?

— Ah, parece?...

— Parece! A ciência biométrica da íris, chamada de iridologia, diz que a íris “é como se fosse uma representação do

corpo humano e que algumas formações próprias da retina indicam que há um problema num determinado órgão...”

— Que engraçado! É por isso que os astrólogos só de olharem para a nossa íris conseguem logo dizer que vem aí um AVC ou um cancrito, não é? Parecem médicos-videntes...

— Também conseguem ver problemas de fígado e da tiroide...

— Ah, sim?...

— Eu já estou a ver é os novos mapas da íris desenhados com as luas de Jupiter pelos astrólogos do Instituto Nobre de Astrologia, que nos conseguem ver através dos olhos...

— O que é que nós vamos dizer quando descobrirem que fomos nós que fundámos o Instituto Nobre de Astrologia?

— Que fundámos ao mesmo tempo o Instituto Nobre de Psicologia e que como gostamos muita da ciência não temos medo nenhum dos astrólogos... Nem dos astrólogos nem dos astros... E que não há astros nenhuns a marcarem-nos “destinos negros de raiz só por prazer”...

— Ah! Como é que é a música da Canção de Alterne do nosso grande Rui Veloso?

— “Para de chorar...”

— “E dizer que nunca mais vais ser feliz...”

— “Não há ninguém a conspirar...”

— “Para fazer destinos | Negros de raiz...”

— “Para de chorar...”

— “Não liguês a quem diz | Que há nos astros o poder |
De marcar alguém | Só por prazer...”

— “Por isso para de chorar...”

(...)

— (...) Agora é a nossa parte, querida! Agora é a parte
mais feminina da canção... Vamos cantar, amiga! Anda! Dá-me
as mãos!

— Eu também quero cantar convosco...

— Não... Esta é a nossa parte feminina; os homens não
põe batom nem verniz: “Carrega no batom | Abusa do Verniz |
Põe os pontos nos iiiiiiiiii’s”...

— “Parte feminina”????????? “Mas que feminismo vem a
ser este”?... Indigna-se o grupo parlamentar da Igualde de
Género, que agora até parecem lobos...

— A sério que já há lobos a lutarem pela Igualdade de
Género?

— E com as unhas pretas pintadas...

— Ai!!!! Que horror!!!! Que falta de classe!!!!!!!!!!!! Homens
com as unhas pintadas de preto????

— Que horror!!!! Se a Mão Invisível vê esta nova
economia pintada de preto... Isto vai inflacionar os vernizes de
certeza...

— E os vernizes não são nada ecológicos!

— Mas agora já há uns vernizes “amigos do ambiente”...

— Agora tudo se lembrou de ser amigo de ambiente...

— Que conveniente...

— A sério que há já vernizes ecológicos? Nessa não posso acreditar...

— É verdade...

— Também inventam tudo...

— Onde é que já se viu lobos com as unhas pintadas...
Ainda por cima de preto...

— Como se as mulheres não pudessem ser lobos...

— Como se o lobismo pertencesse só os homens...

— No nosso lobismo há mulheres...

— É porque somos uns lobos para a frentex...!!!

— Mas nós não pintamos as unhas de preto...

— Nem de preto nem de cor-de-rosa...

— Os maricas e as mulheres é que pintas as unhas!... Isto estou a falar no meu tempo... Não me devorem já...

— E no meu tempo também...

— Pois, mas agora é o tempo de um novo lobismo que diz que não há coisas nem partes femininas... Agora é tudo muito masculino e dizem que “é tudo construções da sociedade”...

— Ah!... Chegaram agora lá? Devem ter fumado um charro e o cérebro resolveu desligá-los da sociedade...

— Mas que se desliguem da sociedade... Que se tivessem desligado desta nova sociedade tecnológica... Cada um tem de ser livre de se poder ligar e desligar da sociedade tecnológica... Mas não precisavam de pintar as unhas, não era?

— Nem precisavam de invocar a Igualdade de Género para falarem das “construções da sociedade”...

— Por favor!!! Que paciência!!! Tinham de estragar a letra da canção...

(...)

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com no dia 23 de agosto de 2021

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions www.jupitereditions.com vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de**

**escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603